

MESA 5-1

O BRINCAR: UMA AÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL (Resgate do cotidiano de São João do Polêsine)

**Maria de Lourdes Bulegon Stieler
Universidade Federal de Santa Maria - Brasil**

RESUMO:

Este trabalho de pesquisa analisa a identidade cultural dos cidadãos de São João do Polêsine, possibilitando resguardar a produção do homem como testemunho de vida, permitindo a compreensão do presente e projetar o futuro. É um trabalho de pesquisa voltado ao lúdico, ao lazer e a diversão e, portanto, vamos relatar histórias alegres da vivência das pessoas daquele município, objetivando reconstituir parte da história do Município. Para as outras ciências que estudam o homem ou o fazer do homem, este artigo servirá como fonte de pesquisa primária que, pretendemos, seja rico em informações. Recriamos histórias que, além de serem burlescas, servirão de subsídios para as ações educativas que deverão ser desenvolvidas no Museu Municipal de São João do Polêsine, para exposições temporárias, para fruição dos visitantes e para serem utilizadas em salas de aulas das escolas do Município como parte da disciplina de história de São João do Polêsine.

PALAVRAS-CHAVES: *Brincar; reconstituir; identidade cultural.*

Este trabalho faz parte do projeto que foi desenvolvido em prol do Museu Municipal de São João do Polêsine. Este município está localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul, e faz limite com os municípios de Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Restinga Sêca e Silveira Martins e dista 45 Km de Santa Maria, um dos maiores pólos culturais e econômicos do Rio Grande do Sul. Desde 1893, quando da chegada das nove primeiras famílias de imigrantes italianos, transmigradas de Bento Gonçalves, São João do Polêsine faz parte da 4ª região de colonização italiana. O município, em 1992, emancipou-se de Faxinal do Soturno e teve a primeira administração municipal a partir de janeiro de 1993. Hoje, conta com 83 km² e uma população de 2720 habitantes.

O Município de São João do Polêsine foi escolhido pela importância histórica na região central do Estado do Rio Grande do Sul, pela vontade política da administração municipal em reconstituir a história daquela cidade e pelo intercâmbio cultural entre Nações Latino-Americanas, principalmente com a Argentina e Uruguai, através da peregrinação à Casa "João Pozzobom", bem como pelo intercâmbio cultural do "Festival de Inverno", que ocorre anualmente em julho, numa promoção da Universidade Federal de Santa Maria e da Prefeitura Municipal de São João do Polêsine, que recebe visitantes não só da América Latina mas do mundo inteiro.

O trabalho que será exposto a seguir faz parte da política de recuperação e preservação da história do município, num programa que a Prefeitura Municipal vem desenvolvendo, no sentido de reconstituir a identidade cultural e o autoconhecimento daqueles cidadãos, pois entende que são condições indispensáveis para a existência da democracia e o exercício pleno da cidadania.

Preservar é resguardar a produção do homem como testemunho do modo de vida, possibilitando a avaliação e compreensão do presente, isto é, guardar os elementos intrínsecos à identidade e à ampliação da consciência daquela gente como fatores

essenciais à liberdade e à qualidade de vida, pois junto aos fatores econômicos e sociais, formam o tripé sobre o qual se apóia a cidadania.

Dos anos que separam a instalação do primeiro acampamento de imigrantes italianos que deu origem ao atual município de São João do Polêsine, aos dias de hoje, sua população viu crescer e guardou patrimônios urbano e rural, vendo reproduzir-se e ajudando a produzir um rico legado cultural.

A administração municipal, preocupada em manter certos valores culturais, propõe ações que visam reconstituir a história desse povo e preservar a sua cultura. A perda da memória coletiva, da consciência histórica faz com os cidadãos não tenha um sentimento de pertencimento (de grupo, de seio, de estado). Portanto, a proteção dos bens culturais visa gerar um processo de identidade entre o município e sua população, para que esta venha a se perceber como distinta de outra, no que tange ao modo de vida e de seus hábitos sociais.

Assim, o primeiro passo no sentido de colocar em prática as políticas culturais do município, foi à criação do Museu Municipal, o qual foi inaugurado em fins de 2002, abrigando objetos materiais ou bens móveis. Para os exercícios seguintes, a Prefeitura Municipal previu a compra e a reforma (parcial) da chamada “Casa Verde”, onde seriam instalados definitivamente o museu, a biblioteca pública, o arquivo do município, o teatro e o setor onde seriam realizadas as exposições de registros e imagens.

Dentre as demandas do museu, pesquisar as fontes históricas, num primeiro momento, e, num segundo momento, projetar exposições sobre a temática da cultura imaterial ou de bens intangíveis (Cultura imaterial ou bens intangíveis são todos os testemunhos do homem que não podemos tocar, ver, mas que são representativos na formação cultural de uma sociedade. O saber fazer, o lúdico, a maneira que as pessoas encontram para um convívio entre seus pares, etc.). Como este é um campo de ação muito amplo, elegemos, inicialmente, como prioridade, pesquisar tudo o que se refere ao lúdico, ao lazer e à diversão do cidadão polesinense. As pesquisas serão feitas através da pesquisa oral, pois detectamos que, embora a sociedade polesinense fosse uma sociedade letrada, o registro de tais fatos não foram feitos, pois não era uma prática de transmissão do conhecimento daquela gente.

Os trabalhos sobre pesquisa e exposição de registro e imagens foram divididos em três etapas – pesquisa das histórias, exposição e ação educativa –, ficando apenas a primeira etapa destinada ao trabalho aqui apresentado. A pesquisa das histórias obedeceu a todos os procedimentos técnicos de um museu, como fichamento, transcrição, documentação, etc., necessários à formação de um banco de dados, com vistas à produção de exposições e ações educativas.

Todas as histórias ou contos são verídicos, priorizando as que envolvam grupos de pessoas representativas dentro do corpo social, transcritas e recriadas, posteriormente, com linguajar corriqueiro, isto é, utilizando palavras empregadas no dialeto, procurando retratar o mais fiel possível o que foi contado. Como a memória é algo que não permanece inalterado nas pessoas no decorrer do tempo, iniciamos as nossas pesquisas com as pessoas mais idosas, para que não se percam fatos que foram relevantes na história do município. Para a escolha dos primeiros entrevistados, tomamos como suporte de análise, a concepção de que a memória é, ao mesmo tempo, individual e coletiva e que os indivíduos absorvem o passado de suas vivências, isto é, a história é coletiva, sendo que a interpretação desta é particularizada.

Antes de seguir adiante, faz-se necessário definir o que entendemos por cultura imaterial ou, num cruzamento de conceitos sobre culturas, tentarmos entender os bens culturais que não sejam os materiais. Por cultura imaterial entendemos ser tudo aquilo que não podemos ver e nem tocar, mas que foram ou são representativas dentro de uma cultura. É a vida vivida, é o homem e sua existência, as suas idéias, o conhecimento de como produzir e usar o seu lugar no mundo. É um traço particular de hereditariedade social. É um modo de vida total, determinado pelo meio social. A cultura, encarada do ponto científico, consiste em relações abstratas e, portanto, imaterial.

Assim, se buscamos reconstituir a identidade cultural e o autoconhecimento dos cidadãos de São João do Polêsine, é preciso que se tenham claros os conceitos de cultura, e é pensando em tais conceitos que vamos procurar guardar e conservar, no bojo daquela sociedade, não só o que podemos ver, mas todos os aspectos da vida social invisíveis, imateriais, mas que são formadores da identidade do cidadão polesinense.

Se tomarmos por base as definições de cultura de alguns autores como TYLOR (1930) (TYLOR, E. B. 1930. "Cultura". In: **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. p. 290.), que diz que a cultura abrange todas as manifestações de hábitos sociais de uma comunidade, ou FIRTH (1951) (FIRTH, R. 1951. "Cultura", idem, p. 291.), que considera que a cultura dentro de uma sociedade é o modo de vida de um conjunto de indivíduos, ou ainda SANTOS (1983) (SANTOS, José Luiz dos. 1983. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense.), que afirma ser a cultura tudo o que caracteriza a existência social de um povo e, se considerarmos como verdadeiro esses conceitos, os bens culturais "ocultos" deverão ser uma meta na busca da reconstituição da identidade cultural do povo polesinense. Portanto, se partirmos para o autoconhecimento somente recuperando os bens materiais ou tangíveis e nos esquecermos dos bens intangíveis ou da cultura imaterial, a história ficaria incompleta. Sem o estudo dos fazeres e saberes daquela sociedade, uma lacuna fica aberta e talvez jamais seja preenchida, pois, como já foi dito, a memória é falível, seletiva e se altera principalmente com o avanço da idade. Recuperar certos eixos da história da cultura imaterial torna-se, portanto, imprescindível, bem como a urgência da pesquisa, pois, no município, as pessoas que possam relatar fatos da metade do século XX já são poucas, e a memória de alguns bastante falha.

A tarefa tem como objetivo, de certa maneira, minimizar alguns dos efeitos nocivos da globalização e do avanço tecnológico que, embora reduzam distâncias e nos permitam um conhecimento acelerado das coisas, fazem com que esqueçamos o nosso passado e assim nos descaracterizemos como indivíduos distintos. É possibilitar a todo o cidadão polesinense o autoconhecimento, o reconhecer do seu passado e a valorização de sua identidade cultural.

Especificamente, pretendemos, com a temática de estudos, criar um banco de dados para fomentar as imagens a serem expostas no museu, recontar a história do município, ofertar objetos de estudos a diversas ciências, traçar um perfil dos moradores do município, detalhar a evolução, além de criar subsídios às ações educativas, as quais são fonte de incentivo ao turismo e entretenimento.

Definidos os objetivos e a metodologia a serem utilizados, o ponto que mereceu um estudo mais aprofundado foi a relevância da cultura imaterial como objeto de exposição em museus e de que maneira poderia contribuir na evolução ou no reordenamento que estes vêm sofrendo ao longo dos últimos anos, já que a forma de exposição verificamos ser viável. Buscamos, para isso, alguns conceitos sobre Museus, nos quais essas instituições, no Brasil, se alicerçam. Em 1972, os membros da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, discutindo os museus na América Latina definiram os museus como:

Museu é uma serve...

... os museus são instituições a serviço da sociedade, que adquire, comunicam e, notadamente, expõem, para fins de estudos, educação e cultura, os testemunhos representativos da evolução da natureza do homem... (CADERNO de ensaios. 1994.

Estudos de museologia. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura e Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, nº2, p.5.) *(colocar em itálico ou em destaque maior por ter mais de cinco linhas)* Exemplo abaixo.

Museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve...

... os museus são instituições a serviço da sociedade, que adquire, comunicam e, notadamente, expõem, para fins de estudos, educação e cultura, os testemunhos representativos da evolução da natureza do homem...*instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele*

O ICOM em 1974 definiu museu como:

Um estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que coleciona, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para o estudo, a educação e o entendimento, a evidência material do homem e seu meio ambiente.

A Associação Americana de Museus define os museus como:

... instituições, sem fins lucrativos, que não se ocupam prioritariamente de exposições temporárias, abertas ao público e administradas para o bem público, com a finalidade de conservar, preservar, estudar, interpretar, colecionar e exhibir para o público, para a sua instrução e fruição, os objetos e espécies de valor educativo e cultural, incluindo material artístico, científico (seja animado ou inanimado), histórico e tecnológico... (CADERNO do Ceon. 2000. **Educação patrimonial e fontes históricas**. Rio de Janeiro: Universitária ARGOS, ano 14, nº 12, dez, p.10.)

Tendo por base esses três conceitos sobre instituições museológicas, concluímos que os nossos objetos de estudos são fontes preciosas como base de exposição em um museu, pois vejamos: na Mesa-Redonda do Chile, o destaque é para o museu como instituição destinada a guardar **testemunhos representativos do homem** (Testemunhos que representem o homem não especificando quais os testemunhos, portanto todos os testemunhos sem exceção são representativos dos homens.) e a atuar na formação da consciência das comunidades onde estão inseridos. Isto é, em nenhum momento se refere que são testemunhos materiais do homem e, portanto, o não-material não deverá ser esquecido, é um destaque que procuramos colocar durante todo o nosso trabalho; o ICOM embora faça referência às evidências materiais do homem, diz no enunciado que é um estabelecimento que exhibe para **estudo, educação e o entendimento** (Estudo, educação e o entendimento estão se referindo a um museu multidisciplinar e a serviço de todas as ciências que estudam o homem ou o fazer destes.) e, portanto, sendo um museu uma instituição que deve estar a serviço de diversas ciências. Nesse trabalho, principalmente, as ciências onde o homem ou o fazer do homem é seu elemento principal, poderão e deverão se valer do museu de registro e imagens como fonte primária de estudos, bem como, é matéria de educação, pois ensina ao visitante a história de uma cidade, seus hábitos, seus costumes, seu modo de viver. A Associação Americana de Museus diz que o museu é um estabelecimento administrado **para o público, para instrução e fruição, espécie de valor educativo e cultural** (A frase grifada se deve ao fato de que um Museu em primeiro lugar está a serviço do público. Do público para instruir, entreter através do seu acervo. Mas quais os objetos que compõem o acervo? Tanto os bens materiais quanto os imateriais.) Aqui, destacamos a questão fruição, isto é, o visitante do museu além de conhecer a história daquele povo deve deleitar-se com o que está assistindo.

Como cada realidade cultural tem sua lógica interna, faz-se necessário conhecê-la para que tenham sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passaram. Assim pretendemos ver os vestígios não apenas de um passado físico, mas um passado que se restringe às coisas vivenciadas pelo homem. Convencido do objeto de estudo, e de que a pesquisa sobre o lúdico, o lazer e a diversão (Alguns relatos demonstrativos desses aspectos estão nos ANEXOS.) são aspectos importantes dentro daquela sociedade, é indispensável que se fale sobre este pequeno município, mas que é grande na importância histórica

para toda a região, no que se refere ao objeto de estudo, pois, assim, poderemos compreender a relevância de tal proposição.

Os cidadãos polesinenses construíram sua história, agiram, modificaram a natureza, construíram utilidades, mas, sobretudo, teceram relações humanas, construíram sua cultura. Os “filós” ou “serões” (Filos ou Serões são encontros, sempre à noite, entre famílias onde havia sempre comidas típicas, bebidas e por vezes dança. A dança normalmente era no pátio em frente à casa, isto é, a dança era em chão batido.), as festas de Igreja, a bocha, os jogos de cartas (três-sete, cinquillo, etc), o jogo da mora, a “tômbola”, a gastronomia típica, o modo de vestir e de agir, etc.

Mencionaremos, em primeiro lugar, as festas de Igreja, pois estas reuniam, durante quase um mês, muitos moradores na organização e arrecadação de víveres, destinados à produção da alimentação aos romeiros. Nos fundos do salão paroquial, havia um capão que era limpo e eram feitas valas para fazer o churrasco e instalar a copa. No dia anterior às festas, fazia-se uma vala e colocavam-se as garrafas deitadas e empilhadas e, cedo na manhã da festa, era colocado gelo em cima. Sempre havia uma sentinela, que era um festeiro, a noite toda de plantão, com uma espingarda, para não haver brincadeiras indesejadas de algum grupo de jovens desordeiros. As festas eram eventos muito esperados pelas pessoas de todas as idades. As famílias preparavam-se durante semanas. Para os jovens era a oportunidade da paquera (através da tômbola) e talvez de um futuro casamento; para a criançada a “comilança” e o brinquedo; para os adultos, mais um momento de reunião ou de encontro com amigos que moravam distante do povoado, da cantoria dos homens no salão paroquial (cantigas italianas ou “ditas” italianas), além é claro, de muito trabalho para quem estava escalado para as tarefas como os jogos, a copa de bebidas e de doces, as refeições, etc. A missa era revestida de grande pompa e a Igreja, finamente decorada. O coral da Igreja, nos primeiros anos, composto só de homens e, mais tarde, misto, ensaiava cânticos durante semanas (aos domingos depois da missa ou à noite). Enfim, eram sempre festas muito alegres e, é claro, muito barulhenta.

Com os anos passando e as famílias chegando, começaram os “filós” ou “serões”, as caçadas, as pescarias, os jogos de futebol e de voleibol, jogos de cartas, o jogo da mora, a bocha, enfim, tudo era motivo para pequenas reuniões e grandes brincadeiras.

O povoado era dividido por uma sanga, na qual havia uma “pontezinha” de madeira. Essa sanga localizava-se ao lado direito da Igreja, a aproximadamente 50 m desta. Mas a divisão não era só espacial. Nos grupos, principalmente de jovens, havia rivalidades entre “os de cima” e “os de baixo” da ponte e era tamanha que os dois grupos tinham até apelidos. Os de cima eram chamados de “Bem-te-vis” e, os de baixo “Beija-flor” e com frequência estabeleciam-se competições esportivas – futebol e voleibol – aos domingos, o que ocasionava disputas acirradas, tanto entre os desportistas quanto entre as torcidas.

São João do Polêsine é um município distinto dos demais municípios da 4ª região de colonização italiana, visto que era uma espécie de corredor de passagem do escoamento da produção dos povoados vizinhos e, devido aos passantes, incorporou alguns elementos culturais destes, reinterpretou sua cultura. As mercadorias, a granel, eram transportadas em mulas com caixas ou sacos presas em cada lado do animal e eram transportadas em grupos de 10 a 30 mulas, ou carroças, ou jardineiras (carroça de 4 rodas puxadas a cavalo). Os animais, em geral porcos e gado bovino, eram conduzidos a pé por condutores chamados de tropeiros, que utilizavam uma vara longa com uma ponta de ferro e algumas argolas (chamadas de picana), que faziam muito barulho e mantinham os animais agrupados. Esses eventos eram freqüentes e, por vezes, passavam tropas pela manhã e pela tarde. Para a gurizada era um acontecimento e para os professores, uma dor de cabeça, pois ao ouvir o “era, era” dos tropeiros ou o barulho dos cascos dos animais, a criançada largava a pena e o tinteiro e corria para a janela. Muitas vezes as tropas paravam no povoado para o descanso do gado e dos tropeiros. Ali

permaneciam até quase uma semana, enquanto isso trançavam os laços, tomavam chimarrão e contavam causos e histórias, deixando para traz costumes e idéias. Com o Seminário Palotino e o hospital, houve aumento do número de escolas e o teatro. Os seminaristas, além de professores, encenavam peças e juntavam os moradores de Polêsine para assistir. As freiras, nas escolas, ensaiavam os alunos para os festejos dos dias dos pais e das mães. Assim, a população tomou gosto também por essa diversão. Nos anos 1950/60, havia um grupo de jovens comandado pelos senhores Alcides Pilecco e Avanil Milanesi e a professora Valserina Bulegon, que se reunia semanalmente para ensaiar peças e apresentar ao povo. O grupo ganhou fama e uma das peças, "O fantasma do castelo", foi encenada em toda a região. (A peça foi lembrada por um dos entrevistados sem citação de autor e época.)

A corrida de cavalos era outra diversão que sempre reunia muitas pessoas. Belas histórias foram colhidas desta diversão. Muitas famílias tinham cavalos de corrida, que quase sempre corriam em cancha reta e participavam dos eventos em toda a região e, às vezes em locais distantes do povoado (por exemplo, Tupanciretã) ou de difícil acesso.

A bocha também era um esporte que oportunizava encontros festivos. Inicialmente, as bochas eram de madeira e jogava-se na grama. Como a grande maioria das famílias tinha um "campinho" nos fundos da casa para abrigar o gado, conservava uma cancha para jogar bocha nos finais de semana. No bar XV de novembro, foi construída uma cancha de bocha oficial e iniciaram os torneios envolvendo os "bochófilos" de toda a região. Fora comprado, em São Paulo, o primeiro jogo de bochas de plástico. Esses torneios também renderam muitas histórias. Com a construção do clube, esse esporte ganhou nova vida e um lugar privilegiado.

Talvez a diversão onde se contava ou se produzia a maioria das histórias era nos "filós" ou "serões". Com prévia organização, famílias inteiras iam visitar amigos e levavam consigo, normalmente, uma galinha para ajudar a dona da casa com a refeição, já que o vinho e a cachaça quase todos tinham para o ano inteiro. Os homens sentavam no "terreiro" ou na varanda da casa e conversavam, contavam causos, combinavam trabalhos, alguma malandragem para a próxima semana (principalmente os jovens), acertavam caçadas ou pescarias, etc. As mulheres, por sua vez, ajudavam a dona da casa a cozinhar o risoto, faziam "brodo", preparavam "crostoli", etc. Quase sempre havia dança. Era uma diversão que agrupava velhos, jovens e crianças, isto é, era uma diversão familiar. Algumas casas ficaram famosas por sempre terem "filós". Com a construção da cooperativa (casa verde), os bailes propriamente ditos passaram a acontecer no novo prédio. Nesse salão, o gaitero sentava no fundo e os pares dançavam. Com o clube se popularizaram ainda mais os bailes, ficando o carnaval e o baile de chopp, famosos até hoje. Mas os "filós" não acabaram. Certas casas ainda são visitadas, aos moldes dos "filós", por um grupo de pessoas.

Como a diversão e o lúdico são o foco principal da pesquisa, no referido município, até por volta da década de 1960 e, com isso, justificando o interesse desta pesquisa por tal temática, cumprindo a contento nossos objetivos, faz-se necessário conceituar o "brincar", pois dessa maneira nos possibilitará traçar um perfil do cidadão polesinense. Procuramos pesquisar estudiosos de tais assuntos e concluímos ser Winnicott importante para a direção deste trabalho. Quando se refere especificamente ao brincar WINNICOTT (1975) diz:

"O brincar tem um lugar e um tempo".

"O brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação".

"O brincar é em si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva". (WINNICOTT. 1975. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Editora Imago, p.74/75.) (trazer número da nota após a citação)

Diante dos conceitos acima e do que aprendemos do viver cotidiano dos moradores de São João do Polêsine, o trabalho ganha significado especial, pois

descobrimos que o Município, como um todo, desde os primeiros imigrantes que lá chegaram, carrega na sua bagagem cultural uma enorme gama de conhecimentos, no que tange a diversas áreas de atuação do homem, do lazer à religião, do político ao econômico, do social à educação, o que vem justificar a importância dada a tal temática de pesquisa e posterior organização de exposições.

ANEXOS

“SEXTA-FEIRA SANTA”

Talvez a Sexta-feira Santa, além do Natal e Páscoa, tenha sido a festa religiosa de maior importância.

Cidade pequena e sem iluminação elétrica, Polêsine usava velas para iluminá-las nas festividades religiosas. A população organizava-se e iluminava as ruas, janelas, calçadas por onde a procissão passava. A procissão obedecia a uma ordem pré-estabelecida: em filas dos dois lados da rua, as crianças em primeiro lugar (meninos e meninas separados), após os moços, os homens, as “filhas de Maria” (todas de branco, fita azul no peito e véu branco na cabeça), depois os “Marcianos” com fita vermelha no peito, os homens do “Apostolados da Oração”, as senhoras do “Coração de Jesus” e o povo em geral.



Menino segurando a Rácula

Apesar de ser uma festa religiosa, onde se relembra a morte de Jesus, para a criançada era uma farra, pois a elas eram dadas as “Matracas” que se chamavam “Rácola”. Esta era um instrumento de madeira que se fazia com uma engrenagem de madeira, com uma caixa também de madeira e uma palheta rígida que acabava com suas pontas em cima da engrenagem, um cabo para segurar e que era firmado na engrenagem de madeira e que segurando no cabo e arrodando a Rácola em forma de hélice, fazia um som estridente, e a quantidade de meninos (sim porque era uma atividade do sexo masculino) fazendo esse movimento ao mesmo tempo produzia um “barulho infernal”.

Antes da procissão havia rezas na Igreja, onde as crianças tinham um lugar específico, bem na frente, isto é, nos primeiros bancos e tinha um homem da comunidade designado para controlar as algazarras que às vezes faziam dentro do templo.

Acontece que, freqüentemente, era designado Leopoldo G., homem de voz grossa que não conseguia falar baixinho e por isso causava risos incontroláveis da gurizada quando lhes chamava atenção. A gurizada, de posse das “Matracas”, para o tormento de Leopoldo, dava uma “arrodadinha” na Matraca e Leopoldo ficava desorientado, pois quando ia puxar a orelha do menino travesso, o outro arrodava a “Matraca”

e assim Leopoldo ficava atarantado, feito uma “barata tonta” atrás do travesso. Assim, às vezes, os adultos desviavam e começavam a rir.



Disposição da procissão

“TÔMBOLA - O CORREIO DA ÉPOCA”

Dentre as diversões da época, as festas religiosas eram as mais esperadas. Nessas festas era a oportunidade de moças e rapazes arrumarem namorados.

A Tômbola funcionava assim: rapazes e moças compravam a Tômbola. A Tômbola era um bilhete, como cartelas de bingo, que concorria no final do dia a terno, quadra e quina. Esta Tômbola era feita em lugar aberto e amplo. Mas antes de se fazer a Tômbola, durante a venda dos bilhetes, que levava a tarde toda, por que era a hora



Exemplo de como os jovens se posicionavam nas festas.

da paquera, os encontros entre os rapazes e as moças, era através dela. O rapaz escolhia sua preferida, comprava um bilhete e escrevia um verso romântico, assinava bem legível para não haver engano e encarregava um amigo para que entregasse o bilhete a sua pretendida.

O amigo saía com o bilhete à procura da moça descrita pelo pretendente, isso quando era uma moça desconhecida. Encontrada a moça, o amigo dizia: “aceita este bilhete?” E ficava esperando a moça lê-lo. No caso positivo ela respondia – “Aceito” – e para confirmar que tinha gostado imediatamente ia comprar um bilhete e retribuía ao agradável pretendente, através também de um mensageiro. Aqui estaria o embrião de um futuro casamento.

Após receber o bilhete de aceite, o rapaz ia ter com a moça. Chegava no grupo, pois as moças nunca estavam sós, estendia a mão, mas sem apertar muito e dizia: me aceita como par? “Aceito”, dizia a moça meio encabulada, então se separavam



Encontro dos casais.

do grupo e o par saía a passear. Normalmente

após a Tômbola, o rapaz acompanhava a moça até a sua casa e já marcava um novo encontro para o próximo domingo. Mas quando a moça ou rapaz não aceitava o bilhete era um “carão” danado. Acontecia também que a moça ou rapaz pegava o bilhete, mas não mandava resposta, isto também significava o desinteresse.

Às dezessete horas um animador postava-se num lugar bem alto e visível e gritava alto: “está na hora da Tômbola, aproximem-se, a Tômbola vai começar”. O povo então se aproximava e o animador começava a retirar os números de dentro de um saquinho. Conforme iam marcando o terno, a quadra e a quina, informava-se o locutor. No final, ganhava-se algum dinheiro. Muitos casamentos se realizaram através do primeiro encontro com bilhetes de Tômbola.

“MIGUELÃO, O DEFUNTO”

Morava em Polêsine, com a família, um senhor de nome Miguel A., conhecido por Miguelão. Um dia, com a sua aranha¹ e cavalo, resolveu ir até Faxinal do Soturno, localidade próxima dali 4 Km. Passando pela Fabrica de Bebidas Simão D. e filhos, e avistando o dono, Simão parou e perguntou:

- Como vai seu Simão? Não sabe se o rio Soturno dá vão?
- Não sei, respondeu Simão. Mas pela chuva da semana passada, periga está meio alto.
- Mas meu cavalo é bom e a aranha é bem alta, eu vou atracá, retrucou Miguelão.

E lá se foi ele.

Quando foi daí umas horas, veio a notícia que o Miguelão havia se afogado no rio. Tinham achado o cavalo e a aranha. Teve gente que dizia ter ouvido gritos: se foi o homem, se foi o homem! Era o próprio Miguelão que gritava e assim desapareceu. Começou então a procura no rio. Gente de canoa e ganchos vasculharam o rio, mas nada. Dois dias depois, Prudêncio, também conhecido por Dêncio, e um amigo encontraram Miguelão na primeira curva do rio enroscado nas raízes de um sarandi². Diziam que o defunto estava duro como uma estátua, pois nesses dois dias o corpo tinha ficado submerso.

Nesta ocasião, vivia em Polêsine, um homem muito engraçado e muito popular, pois tocava um bandoneon³ que era uma beleza. Chamava-se Toca M.. Toca tinha o olho esquerdo fechado e só enxergava com o outro olho direito. Toca era muito



¹ Aranha era um veículo de transporte com tração animal, em geral cavalo, com duas rodas de madeira revestida de metal e uma armação, também de madeira, que era acoplada às rodas onde havia uma espécie de baú no qual as pessoas sentavam-se e também servia para guardar alimentos durante o transporte.

² Sarandi, árvore comum que crescia nas margens do rio Soturno.

³ Bandoneon, instrumento musical de botões semelhante ao acordeão.

engraçado porque se cuidava todo o tempo nas respostas para não cair em empulhações.

Chegou à hora de vestir o defunto para o velório. Prudêncio convidou Toca para ajudá-lo. No quarto, sozinhos, Toca disse a Prudêncio:

- Tenho medo de lidar com defuntos.
- Que medo, que nada, o homem está morto, nada pode fazer, respondeu Dêncio.
- Pois, seu Dêncio, isso me dá tremores.
- Que nada, Toca, mãos à obra.

Na hora de botar o casaco no defunto, como ele estava duro e para facilitar o trabalho, colocaram o morto em pé. Toca estava todo arrepiado e queria que aquele trabalho terminasse logo.

- Segura o homem Toca que eu vou botar o casaco - disse Dêncio.

Toca nem olhava para a cara do defunto. Ele estava segurando o morto e olhando para o chão.

Dêncio veio com o casaco e foi enfiando pelo braço do defunto. Mas como o braço estava esticado e duro, a manga só entrou mais ou menos até a metade e enroscou nos dedos. Dêncio então desenfiou a manga e disse.

- Toca enfia a mão por lá, que eu enfio a manga por aqui e você puxa.

Dêncio enfiou a sua mão primeiro e ficou esperando a mão do Toca, que não tirava os olhos do chão, louco de medo. Quando a mão do Toca entrou na manga, Dêncio pegou a mão do Toca e foi apertando bem devagar. Toca gelou. Começou a levantar a cabeça devagarzinho e com o único olho que enxergava, olhou Dêncio e disse em voz trêmula:

- Não vem, seu Dêncio, não vem.

Na gurizada, a malandragem era algo quase natural e, portanto, produziu muitas histórias.

“FUBICA”

Dentre as pessoas que marcaram o desenvolvimento de Polêsine, havia um senhor de nome Iolino B., dono de uma oficina mecânica. Iolino tinha uma “fubica” daquelas que tinha que virar manivela, e que custava a pegar.

Embora Iolino morasse próximo à Igreja, mais ou menos cinquenta metros, todo o domingo ia à missa de “fubica”.

Um dia, a gurizada, todos amigos de Iolino, resolveram fazer-lhe uma peraltice.

Num sábado de madrugada, foram até a oficina, pegaram uma “talha” e empurraram a “fubica” até os fundos da Igreja. Lá havia um mato de eucaliptos bem alto e com a



Fubica pendurada no eucalipeto.

encontrou a sua

eucalipto. Iolino ficou furioso, queria brigar com todo mundo, Mas passado o susto e o desespero da perda, retiraram a “fubica” dos galhos (claro que com a ajuda dos próprios amigos que a colocaram lá).

Passado algum tempo, o fato virou farra e gozação por parte dos amigos. É preciso dizer para os que não conhecem Polêsine, que era mais longe buscar a fubica que



Fubica com seu dono e manivela, instrumento para dar partida na fubica.

talha penduraram a fubica numa dessas árvores.

Quando Iolino saiu de casa e foi até a oficina buscar a fubica para ir à Igreja, cadê a fubica. Será que roubaram a “fubica” do homem?

Procurou daqui, procurou dali, perguntou para um, para outro, até que alguém lhe disse ter ouvido falar que estava atrás da Igreja.

Iolino correu em direção à Igreja e “fubica” pendurada nos galhos do

ir à Igreja, pois a oficina ficava duas quadras distante da Igreja enquanto sua casa meia quadra. Por isso, a gozação e a peraltice da gurizada.

“NOITE DE NÚPCIAS”

Outra peripécia do grupo da pesada se deu por ocasião do casamento do senhor Galdino B. com Idalina Z.

O apartamento do casal, raro na época, pois todos moravam em casas, era em cima do bar XV de novembro e o quarto do casal ficava em cima de uma das salas de jogos.

O que fizeram os malandros? Furaram o teto para passar um fio que fosse dar embaixo da cama dos noivos e lá colocaram uma buzina de caminhão. Camuflaram tudo com os papéis de presente (vale lembrar que os casamentos da época duravam o dia inteiro e os presentes recebidos eram arrumados em cima da cama, para que os convidados pudessem ver, principalmente as mulheres, e normalmente os papéis de presentes eram colocados em baixo da cama do casal) puxaram o fio até a oficina mecânica (que fica ao lado do bar) e quando os noivos se recolheram, mais ou menos uma hora depois ligaram o fio numa bateria dando assim um tremendo susto aos noivos, que não conseguiram se dar conta de onde vinha tal barulho. Depois de muito procurar encontraram no meio dos presentes uma buzina de caminhão. Depois de um certo tempo, Galdino saiu e foi ter com os malandros, pois tinham conseguido acabar com a noite de núpcias dele.

A propósito, na sala de jogos onde foi feito o furo no teto, hoje é a ante-sala de um consultório dentário e lá ainda se pode ver o furo.



Como eram guardados os presentes, e os noivos no seu quarto.

“A PARTEIRA E O CAVALO”

A arte da gurizada, realmente, às vezes fazia a diferença. De vez em quando aprontavam: sempre com pessoas de expressão na comunidade. E às vezes as brincadeiras eram simultâneas no centro do povoado e em alguma linha (a do cerro, a da lagoa, a do Ceolim).

Naquele tempo havia uma parteira e uma professora que eram conhecidas de todos e também reconhecidamente muito

bravas.

Certa feita, a gurizada resolveu aprontar para as duas. Dona Julia era parteira, e mantinha sempre um cavalo no piquete ao lado da casa, pois era com ele que ia atender os partos distantes do povoado. Dona Maria era professora e mantinha um cavalo num potreiro não muito distante de casa, pois o cavalo era o meio de transporte da época.

Para se divertir, a gurizada, numa determinada noite, entrou de mansinho no piquete onde ficava o cavalo de dona Julia. Pzegaram o cavalo, amarraram diversas latas de azeite na cola do animal e enquanto uns seguravam o cavalo os outros colocavam urtigas embaixo do rabo do mesmo. Em seguida soltavam o cavalo que quanto mais corcoveava mais ardia o ânus e mais ainda o cavalo disparava fazendo assim um barulho infernal de latas. A coitada da Dona Julia queria descobrir que tinha feito tamanho desaforo, mas nunca conseguia saber quem era.

Com a professora Maria não foi diferente, a gurizada da linha do cerro, pegou o cavalo dela que estava solto num potreiro, na estrada da linha, e amarravam latas na cola, colocavam urtigas no rabo, e depois soltavam o animal.

Quanto mais barulho fazia mais a gurizada se divertia. A professora saía



Demonstração de como a gurizada se reunia para “armar suas artes”.



A gurizada chegando de mansinho para prender o cavalo.

desatinada querendo saber quem era. Às vezes chegava a juntar pessoas, mas ninguém conseguia descobrir os arteiros, mesmo quando alguns deles estavam no grupo rindo-se da fúria que a professora ficava.